

# Domingo

# JN

M. Luis Ciria



**FRANCK POURCEL**  
NOS CAMINHOS DA ÓPERA

**SELOS DE MACAU:**  
ANO LUNAR DO BÚFALO



**NOVO**  
**SISTEMA**  
**DE NAVEGAÇÃO E COMANDO**

# LUÍS CÍLIA

Quando subo  
ao palco  
sinto-me um estreado



# LUÍS CÍLIA

Cantor «intimista» que tem de agradecer a sua formação musical ao exílio em França, Luís Cília é hoje um homem desencantado do país em que vive, mas continua sempre a apostar na divulgação da cultura portuguesa.

«Jornal de Notícias» (JN) — A sua carreira musical começou com o acto de musicar uma poesia de Daniel Filipe?

Luís Cília (LC) — Antes, em 1959, quando vim de Angola (Cília nasceu no Huambo, em 1943, e veio para Lisboa a fim de seguir estudos em Economia), dedicava-me ao «rock»; até cantava «rock» em português. Na altura cheguei a fazer uns programas de Rádio, em Lisboa. Entretanto, o Daniel Filipe fez-me conhecer o Ferré e o Brassens que musicavam poesia, e daí a minha viagem, a minha evolução em relação a outro tipo de música.

JN — A etapa do «rock» foi dura-doura?

LC — Apenas cerca de dois anos. Nessa altura ainda estudava — não esquecer que vim para fazer Economia. Afinal acabei por não concluir o curso. Não passei do primeiro ano.

JN — É considerado por muitos o primeiro a musicar poesia portuguesa. Gostava de ouvir a opinião do próprio.

LC — É um bocadinho difícil dizer se alguém foi o primeiro. De facto, devo muito ao Daniel Filipe, pois dele recebi muitos incentivos para me dedicar à poesia, não só dele como de outros. Nessa altura, quando cheguei, não conhecia nada, porque vivia num meio muito fechado nas «Casas dos Estudantes do Império», que eram uma espécie de «ghetto». Posso citar, por exemplo: nada conhecia do que o Adriano Correia de Oliveira e o Zeca Afonso estavam a fazer em Coimbra. Apenas tomei contacto com a música deles quando tinha já gravado o meu primeiro disco, em Paris. Conheci o Adriano, em Paris, no Verão de 1964.

## PARIS FOI A ESCOLA E UM PRIVILÉGIO

Luís Cília, como muitos outros, por razões de consciência, teve que «dar o salto» pois que o serviço militar não perdava. Da vida de Paris e do grande «salto» na carreira do cantor/autor se fala de seguida.

JN — Dá-se então a saída do país. Foi fácil a integração num ambiente totalmente estranho? Como chegou a gravação do primeiro disco?

LC — A vida, em Paris, não foi fácil. Os dois primeiros anos passei-os nos mais variados empregos, desde carregar caixotes até tocar em cafés. Bom, e depois, havia a questão burocrática de ter os papéis franceses. Mas, por acaso, quando cheguei a Paris, passados dois dias, tive a sorte de, na casa de um velho angolano, Câmara Pires — considerado por nós o embaixador do MPLA, em França —, conhecer a Colette Magny. Ela é que me apresentou a «Le Chant du Monde» e deu-se a posterior gravação do primeiro disco.

JN — É conhecida a sua amizade

com Paco Ibañez. Quando conheceu o catalão?

LC — Passados uns meses, numa festa da emigração. A minha amizade com o Paco foi um grande incentivo para mim: éramos ambos desconhecidos, eu tinha feito o disco para a «Le Chant du Monde» e ele tinha gravado um outro com poesia de Lorca. Como vivíamos em quartos contíguos, nenhum de nós fazia uma canção sem mostrar ao outro. Tentávamos sempre arranjar trabalho, pelo que durante cerca de oito anos tocámos sempre juntos. Depois o Paco tornou-se mesmo muito conhecido em França.

JN — Paris foi, então, por assim dizer, o local que o levou a toda esta vida de música?

LC — Foi em França que comecei a trabalhar a música a sério, a ter lições de guitarra clássica com o espanhol Antonio Membrado e comecei a estudar composição. Nesse aspecto foi para mim uma escola maravilhosa. Em 1974, quando cá cheguei, havia o «choradinho» do exílio. Acho que, em certos aspectos, viver em Paris foi um privilégio comparado com o que muita gente sofreu cá em Portugal. Quando para lá fui não estava naturalmente a pensar nisso. Fui para França forçado, mas depois tive que me esforçar por trabalhar na minha profissão... tive sorte de conhecer gente muito importante para a minha formação.

Nos primeiros tempos, Luís Cília tocou nas festas das associações de emi-

grantes. Apenas quando fez a música para o filme «O salto», de Christian de Chalonge, se dedicou só à música. Pouco a pouco foi fazendo recitais, foi gravando mais discos e entrou, finalmente, no ambiente. Tocou nas associações portuguesas de borla, de resto tocava sobretudo em casas de cultura, fazia recitais, ia à Bélgica, à Suíça, etc.

JN — Ainda, em França, trabalhou também em Teatro e Cinema?

LC — Sim, tive oportunidade de fazer a música de algumas peças, sobretudo para o «Théâtre de la Commune d'Aubervilliers». Esporadicamente trabalhei para a Televisão. Até cheguei a actuar num filme: tudo coisas esporádi-

cas que fazia para ganhar a vida e tornar-me conhecido.

JN — Uma súmula destes 20 anos de música.

LC — Sempre que tenho que subir para um palco parece que estou a começar naquele momento. É uma profissão um bocadinho ingrata, nesse aspecto. Mas, por outro lado, isso é enaltecido porque estamos sempre a começar. Infelizmente, em Portugal, está a viver-se uma fase um bocadinho esquisita do ponto de vista cultural, em geral. Tenho a sensação de nunca saber nada. Cada disco é um trabalho novo, com problemas diferentes, sem se saber como é que o público irá reagir.

## AO FIM DE DEZ ANOS NUNCA FUI A BRAGANÇA

JN — Sente-se melhor em frente à plateia ou em estúdio?

LC — É um trabalho diferente. Claro que há dias — como aqui no Auditório de Carlos Alberto — que são extraordinários porque há uma comunhão com o público. Em geral, não gosto de estúdio porque não tenho paciência para estar ali horas. Aliás, tenho feito muitos erros nas gravações, e há alguns discos que tecnicamente não são bons porque, de facto, não tenho paciência. Agora já vou aguentando melhor...

JN — O Luís Cília vive só em Portugal ou tem necessidade de se deslocar ao estrangeiro?

LC — Tenho muito prazer em voltar a actuar no estrangeiro. No entanto, outro dia, falando com um músico, daqueles que estão muito preocupados em ir lá fora, dizia-lhe eu: estou muito preocupado mas é porque ao fim de dez

mem? Parece-me haver um certo desencanto...

LC — Ultrapassei várias fases. Houve aquela de grandes movimentos culturais populares, que foi maravilhosa. Sempre tentei intervir culturalmente com um aspecto crítico em relação a determinados triunfalismos culturais que se viviam — tenho a impressão que previ um bocadinho a situação a que hoje chegamos. O desencanto não é meu. É geral. Está-se hoje a pagar um pouco da falta de cultura que existe na generalidade da classe política portuguesa. Vive-se muito de vento. Fala-se muito mas existe pouca vontade de concretizar. Por exemplo, há certas câmaras que dizem que não têm dinheiro: ora se têm uma sala vazia, fazer exposições de pintura, recitais de poesia ou de canção não é caro.

JN — Continua-se a apostar em coisas luxuosas, muitas vezes vindas do estrangeiro...

LC — Gasta-se muito dinheiro, por exemplo, com um determinado tipo de artista em vez de se ter uma actividade contínua ao longo do ano. Hoje está a pagar-se um bocadinho mais. Em relação aos cantores da música popular que vendem mais discos, por exemplo. Essa venda de discos não é acompanhada depois por toda uma organização de recitais. Normalmente, são os próprios grupos a empenhar-se nisso a fundo. Não se entende muito bem este vazio cultural a que se chegou. A maioria das pessoas, hoje em dia, é escrava da Televisão. Isso é triste. A minha ideia, quando voltei, era fazer um apanhado das salas existentes no país e irmos a todo o lado movimentar permanentemente. Isto não se aplica apenas aos cantores. Lembra, por exemplo, um contra baixista extraordinário, o José Eduardo, que hoje é professor em Barcelona (Espanha). As pessoas vão-se



# CONTINUA A EXISTIR UM IMENSO VAZIO CULTURAL

Por JOÃO QUARESMA (texto) e HENRIQUE MOREIRA (fotos)

embora, como a Ana Bela Chaves que foi para Paris... E as pessoas «estão-se nas tintas».

No recital do Auditório de Carlos Alberto, do Porto, foi notória uma mudança no todo de Luís Cília, tanto como cantor como instrumentista e mesmo ao apostar no trabalho com outro músico, o baixista António Ferro.

## HÁ UM TEMPO PARA TUDO

JN — Há uma grande mudança no can-

tor/músico de há uns anos atrás?

LC — Aqui há uns anos criei uma certa fama de mau cantor. Sabendo das minhas limitações, mesmo depois de vir de França, tive lições de canto, durante dois anos, com o professor Hugo Casais. Ainda tive lições de guitarra-«jazz», até há bem pouco tempo, com o Carlos Meneses. No que diz respeito ao recital, posso dizer que me encontro várias vezes por semana com o Ferro e temos trabalhado com a máxima consciência as nossas coisas.

JN — Como surge o trabalho em conjunto para quem era tão solitário?

LC — Acho que há um tempo para tudo: as circunstâncias não eram propícias para mim. Comecei, entretanto, a ter outra perspectiva, a pensar que podia fazer um trabalho em conjunto. É que também não me interessa tocar com músicos para os ter ali ao meu serviço. O António Ferro, por exemplo, tem uma parte importante no recital, enquanto instrumentista. Mesmo em relação ao próximo disco com poesias do Jorge de Sena, a partir do trabalho realizado com o Ferro, tenho feito arranjos em que dou ao contra baixo um papel importante.

## SOU UM CANTOR MAIS INTIMISTA

JN — Certamente que aparecerão mais músicos para trabalhar consigo. Ou será que você coloca a questão de falta de músicos capazes?

LC — Claro que se pudesse ter outros músicos até gostaria muito, mas aí já se punham problemas económicos. Não há falta de instrumentistas e temos música com muita qualidade, mas eu não sou um cantor maioritário e tenho uma estrutura montada em conformidade: tenho uma carrinha em que transporto toda a sonorização. Para utilizar mais músicos teria que usar outro carro. Isto iria encarecer o recital e talvez me cortasse as possibilidades de trabalhar dentro do espírito em que funciona, não tendo um «cachet» fixo, sendo maleável em relação às situações. A minha música é diferente da de um Sérgio Godinho ou da de um Fausto e só com o Ferro consigo criar o «clima» que desejo. Sou um cantor mais intimista, gosto de tocar em salas pequenas.

JN — Como homem comum certamente terá preferidos, portugueses e estrangeiros, que poderiam, inclusive, servir para musicar?

LC — Há muitos poetas que gosto de ler mas infelizmente ainda não pude debruçar-me sobre a forma de musicá-los. Por exemplo, posso referir Herberto Helder e António Ramos Rosa — que é difícil na estrutura normal da canção,

Já há uns anos que ando à volta da poesia de Jorge de Sena!

JN — A nível de música, quais as preferências?

LC — Tenho uma discoteca muito ecléctica. Aprecio todo o tipo de música, e tenho momentos para ouvir cada uma. Dentro dos clássicos, gosto muito de Mozart, e dentro dos contemporâneos portugueses, gosto de Emanuel Nunes, Peixinho e da Constança Capdeville. Mas também aprecio muito o «rock», o Bob Dylan, por exemplo.

JN — E do dito «rock» português?

LC — Conheço mal. Ouvi uma vez os «Játumega». São excelentes músicos. Gosto muito de «jazz» e temos bons músicos que se tivessem possibilidades profissionais se desenvolveriam. Por exemplo, o António Pinho Vargas é um excelente pianista. Nos estrangeiros, gosto muito do pianista Bill Evans e do guitarrista Joe Pass.

JN — Uma opinião sobre a música popular portuguesa.

LC — Vistas as condições que cá são dadas aos músicos em geral, creio que existe hoje, em Portugal, um movimento de canção muito mais interessante que o espanhol, em que há outras condições. Apesar de tudo, apresentam um trabalho que é de enaltecer, dada a falta de estruturas.

## PAÍS DE AMADORES

JN — Como estamos de Teatro e Cinema?

LC — Sou um cinéfilo inveterado. Vou ao cinema duas ou três vezes por semana.

JN — A nível de actores, como vê a situação?

LC — Portugal é um país de amadores, às vezes maus amadores. No Porto não tenho acompanhado muito, porque infelizmente poucas vezes cá venho. Em Lisboa há, por exemplo, a «Cornúscopia», um excelente grupo, a «Casa da Comédia», onde já trabalhei com o Filipe La Féria na peça «Paixão segundo Pier Paolo Pasolini», e foi para mim um grande estímulo assumir a direcção musical. O caso do Herman José, apesar de achar bastante fraco este «Hermandias», é uma pena que não seja utilizado a nível de cinema, por exemplo, porque denota grandes possibilidades.

JN — A nível de cinema, tem certamente preferências dentro do panorama português.

LC — Dos últimos gostei do «O lugar do morto» — um filme muito bem feito —, acho o Fonseca e Costa um bom realizador, como o é o César Monteiro. Tive o prazer de fazer a música para o «Jogo de mão», da Monique Rutler. É claro que um realizador não pode apenas fazer um filme todos os quatro anos. Não é assim que ele se pode desenvolver. No fim, o problema é comum a todas as artes.

JN — Neste momento, em Portugal, há algum partido ou facção política que o atraia?

LC — Tenho um grande desencanto em relação à falta de cultura geral da classe política portuguesa. Já vai sendo tempo de se marcar uma posição, para que as pessoas se cultivem um bocadinho.

JN — Apesar de tudo isto, continua apostado em divulgar esta cultura que é, para todos os efeitos, a sua?

LC — Penso que a cultura portuguesa está bem viva, apesar de tudo, apesar de que se tem tentado destruir.

